

# O MODERNISMO EM BELO HORIZONTE

Maria Zilda Ferreira Cury\*

## RESUMO

Este ensaio tem como objetivo captar a escrita da cidade de Belo Horizonte na representação que dela fizeram os primeiros modernistas nas páginas de jornais e revistas. Com esta produção, os jovens escritores da década de vinte marcaram posição como intelectuais.

*E Caim tendo-se retirado de diante da face do Senhor, andou errante sobre a terra, e habitou no país que está ao nascente do Éden.  
E Caim conheceu sua mulher, a qual concebeu e deu à luz Henoc. E edificou uma cidade, que chamou Henoc, do nome de seu filho. (Gênesis, IV, 16-18, p. 22-23)*

Atribuída primitivamente a Caim, a construção da cidade indicou a sedentarização de povos nômades. Por isso o traçado da cidade – quadrado, símbolo da estabilidade – se opõe à configuração circular dos acampamentos dos nômades (Cf. Chevalier & Gheerbrant, 1991, p. 238). Na verdade, trata-se de uma estabilidade apenas aparente uma vez que a cidade sempre se apresenta como um espaço em constante mobilidade, em interminável transformação.

Caim, o primeiro homem nascido do homem e da mulher, o primeiro que trabalha a terra, o primeiro a fazer uma oferta que não é aceita por Deus, o primeiro assassino – é o que revela a face da morte – é também o primeiro errante e, principalmente, o primeiro que constrói a cidade. Marcado com o sinal da maldição divina, é o símbolo da responsabilidade humana. Primeira aquisição do homem, seu nome, Caim, indica seu sonho: posse. Posse sonhada da terra e de si mesmo para o que precisa acrescentar o fruto de seu trabalho à terra de Deus e tornar-se o senhor de seus atos e libertar-se do mistério da predestinação. Muito mais do que o cultivo da terra, a cidade seria a expressão dos feitos humanos a que está ligada a condenação de errância imposta por Deus a Caim. (Cf. Chevalier & Gheerbrant, 1991, p. 162-163). Errância que a cidade metaforiza na busca de um futuro a ser indefinidamente construído. Diz Caim:

\* Universidade Federal de Minas Gerais.

*Partiremos para o deserto dos homens e que os homens, innumeravelmente, povoarão. Nós nos guiaremos pela aurora sempre renovada... E será por não nos determos em parte alguma que estaremos sempre em toda parte. Nossa vida errante nos permitirá medir a terra e, ao mesmo tempo, nós a edificaremos.*

O homem sempre se sentiu atraído por este espaço que é tão seu, espaço construído por ele, obra sua, modificada constantemente pela sua intervenção.

Edificar a terra, construir a cidade, espaço a cuja posse o homem tem direito.

(...)

- II.5 *e desceu o Senhor para ver a cidade e a torre que  
construíram os filhos dos homens*
- II.6 *e disse eis uma geração e uma língua para todos e  
começaram a fazer isso e destarte não estará fora do  
seu alcance fazer tudo o que desejarem*
- II.7 *eia descendo amarraremos sua língua e confundamos  
sua voz para que não queiram desejar o que desejam*
- II.8 *e os homens disseram eis um senhor que amarra nossa  
língua e confunde nossa voz para que não queiramos  
desejar o que desejamos*
- II.9 *multipliquemos pois nossas línguas e nossas vozes para  
que o Senhor não compreenda as vozes dos homens*
- II.10 *e dispersemos-nos daqui pela face de toda a terra e  
construamos inúmeras cidades e torres*
- II.11 *e multiplicaram os homens suas línguas e  
dispersaram-se pela face de toda a terra.*

(Cícero, 1996, p. 31)

Babel invertida, o poema de Antonio Cícero nos apresenta a cidade como a construção que leva a marca do homem e de sua autonomia. Talvez por isso a representação da cidade tem sido uma constante na literatura. Presença na poesia, na ficção, o espaço urbano se oferece, como um texto, como um corpo, a diferentes leituras: território textual, devassado pelo olhar afetivo dos escritores. A cidade: texto a ser decodificado, relido, reatravessado por diferentes olhares: “O olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas: a cidade diz tudo o que você deve pensar, faz você repetir o discurso (...)”. (Calvino, 1990, p. 18)

Símbolo da mãe, que em si encerra os seus filhos – proteção e limite – a cidade mantém relação com o princípio feminino (Cf. Chevalier & Gheerbrant, 1991, p. 162-163). Por isso, tantas vezes os escritores a ela se referem como à mulher amada: “(...) Paulicéia, minha noiva... Há matrimônios assim.... Ninguém os assistirá jamais!” (Andrade, s/d., p. 47) diz Mário de Andrade, em *Tristura*, um dos poemas de sua *Paulicéia desvairada*, ou ainda a Lisboa revista de Álvaro de Campos – um dos muitos eus repartidos de Fernando Pessoa – cidade re-velada que se transforma em grito: “(...) Ó mágoa revisitada, Lisboa de outrora de hoje!/Nada me dais, nada me tirais, nada sois que eu me sinta”. (Campos, 1977, p. 356)



Poderiam ser multiplicados os exemplos desta atração pela cidade: da perplexidade dos ficcionistas russos da passagem do século diante da paradoxal Petrogrado, à relação afetiva de Borges com Buenos Aires em que o olhar reverbera as lembranças e o espaço resulta do tempo de memória (*Las calles de Buenos Aires? Ya son mi entraña*). Lê-se a cidade – frágil superfície – nos textos de Lima Barreto, de João do Rio. A cidade do Rio de Janeiro, parceira de *flanerie*, a este último empresta o nome e lhe marca a escritura. Lê-se a cidade e a impossibilidade de abarcar seus limites na ficção contemporânea, registro esgarçado de um espaço que não se dá mais a conhecer na sua totalidade:

*Pero? como hablar de la ciudad moderna, que a veces está dejando de ser moderna y de ser ciudad? (...) nadie abarca todos los itinerarios, ni todas las ofertas materiales y simbólicas deshilvanadas que se presentan. (...)? Como estudiar las astucias con que la ciudad intenta conciliar todo lo que llega y prolifera, y trata de contener el desorden (...).* (Canclini, 1989, p. 16)

A cidade – rede coletivamente construída – faculta a leitura através de muitas entradas, de diferentes tempos, sob o ponto de vista de diferentes grupos que atravessam seus caminhos.

Aqui, a oportunidade é sugerida pela comemoração dos cem anos da cidade de Belo Horizonte. A trama escolhida dá-se a conhecer nos seus vários fios: os periódicos, os anos vinte, os escritores modernistas.<sup>1</sup>

## A IMPRENSA

Para a compreensão dos mecanismos ideológicos e artísticos que articulam as diferentes visões de um determinado momento histórico, já se tornou desnecessária a afirmação da importância do estudo da imprensa. Veiculando valores, falando de um lugar socialmente definido e exercendo o poder de convencimento sobre os leitores de que chega a formar opinião, é a atividade jornalística elemento indispensável para se compreender o mundo moderno. A história da cultura ocidental, no século XX, está, assim, ligada às manifestações da imprensa que se revela, campo de luta política, lugar de manifestação de opiniões, espaço para publicações de natureza as mais diversas, inclusive as literárias. A linguagem dos jornais invadiu os espaços da modernidade, medusou escritores, expandiu a leitura, modificou linguagens. Entranhou “a” e entranhou-se “da” literatura, derrubando fronteiras antes firmemente demarcadas. No período em questão – a década de vinte – diga-se de passagem, não havia escritor que antes de publicar em livro não “estagiasse” nas páginas dos jornais e das revistas. Mais do que meramente “confirmadora” de outras fontes, constituem-

<sup>1</sup> Este texto retoma uma pequena parte de pesquisa bastante ampla sobre o Modernismo em Belo Horizonte, em breve a ser publicada sob a forma de livro.

se os periódicos, em si mesmos e em especial na época moderna, um objeto próprio de estudo, documento indispensável para o crítico ou historiador literário que deseje rastrear as produções de escritores e intelectuais. Jornais e revistas merecem com tudo isso a atenção especial de quem deseje ler a escrita das cidades.

## VINTE ANOS NOS ANOS VINTE

Belo Horizonte é uma cidade que nasce no papel.

Espaço planejadamente construído e dividido, já nasce de alguma forma assinalada pelo moderno. Registre-se, no entanto, que também vem com a marca autoritária que tantas vezes caracterizou os processos de modernização no Brasil.

Na altura dos anos vinte, Belo Horizonte era marcadamente burocrática, com função político-administrativa, mas já se industrializando de forma cada vez mais acelerada. Foi planejada para atender aos interesses da oligarquia dominante. Na realidade, a luta pela mudança da capital, o planejamento e construção da cidade obedeceram aos interesses de uma parcela da oligarquia agro-exportadora, aquela favorável à industrialização. Assim, o critério para a construção da cidade, ao invés de ser o de participação e uso, foi o de cidade para ser vista, o de cidade-espetáculo.

Era de se esperar que a classe dirigente e seus mediadores insistissem na tecla do grande centro, da necessidade de desprovincianização, muitas vezes, na imprensa, construindo-se como sedução retórica do leitor para que participasse do processo civilizatório que igualaria a capital mineira a outros centros. Se lembrarmos a postura elitista da imprensa belo-horizontina do período, a insistência no tema para o seu leitor específico acabaria por cumprir função ideológica definida: ajudar a transformar a cidade em centro das decisões econômicas e políticas.

Belo Horizonte, na década de vinte, atrai uma leva bem grande de escritores, todos ansiosos por ocupar o espaço cultural da jovem capital das Minas.

Quem eram, afinal?

Carlos Drummond, Emílio Moura, João Alphonsus, Pedro Nava, Aníbal Machado, Ascânio Lopes, Alberto Campos, Abgar Renault, Aquiles Vivacqua, Milton Campos, Mário Casassanta e outros, quase todos adolescentes, desejosos de tomar posse da cidade que permanecerá para sempre impressa na memória desses jovens e nos seus escritos posteriores. Eram os “desatinados rapazes” da Rua da Bahia, do Bar do Ponto, da Livraria Alves, jovens intelectuais empenhados em calorosas discussões, envolvidos nos discretos namoros de então. Todos eles publicavam na imprensa, desejosos de “mostrar” sua escrita, seus anseios de modernidade. A maior parte deste material – poemas, crônicas, críticas literárias, artigos políticos – não circula ainda em livro.

O modernismo mineiro, principalmente na sua fase inicial e na sua especificidade, só ultimamente tem sido alvo mais freqüente de estudos por parte da crítica



literária porque falsamente se convencionou, na maioria de nossas historiografias literárias, que o Modernismo, na sua fase inicial, teria sido um movimento cultural restrito ao eixo Rio-São Paulo. O levantamento da produção poética nos periódicos comprova que um “espírito moderno”, uma produção já antenada com a renovação proposta pelas vanguardas, ocorria em outros centros do país, criando, inclusive, o solo propício para a inevitável influência da intelectualidade do Rio e de São Paulo.

Os escritores modernistas de Belo Horizonte, entre outros jornais, publicavam seus poemas e crônicas no **Diário de Minas**. Jornal extremamente conservador, politicamente ligado ao Partido Republicano Mineiro e às oligarquias do Estado, nem por isso deixou de abrigar a renovação cultural proposta pelos jovens escritores. Para Drummond,<sup>2</sup> o fato se explica justamente por ser um jornal eminentemente político: “O **Diário de Minas** era um pequeno jornal de certa importância política como órgão oficial do PRM, que detinha o poder no Estado, mas que não ligava a mínima ao seu jornaleco de quatro páginas, duas delas de anúncios e editais”. (Andrade In: Barbosa, p. 412)

Nesse sentido, os jovens escritores usufruíam de suficiente liberdade para suas incursões literárias no interior do jornal. Preservados os interesses políticos do PRM e os do grupo por ele representados, tinham os modernistas liberdade para publicarem o que quisessem. Os donos do periódico não lhes davam lá grande importância. Mesmo assim, segundo Guilhermino César, também ligado posteriormente ao grupo, aos “donos do poder” interessava que os jovens escritores continuassem no jornal: “Coronéis tiravam do jornal efeitos políticos. A eles interessava a participação do nosso grupo, um grupo que mantinha aceso o fogo sagrado, que sabia escrever”. (César In: Cury, 1985)

Como indica esse último depoimento, fazia parte da estratégia de setores da oligarquia certa modernização, visando basicamente a manutenção do poder e a continuidade do esquema vigente de exclusão social de outras classes. Houve um choque frontal entre o antigo (representado pelos setores tradicionais da oligarquia), o moderno (representado pelas tendências industrializantes) e a emergência do novo (representada pela maior atuação das camadas populares). De algum modo, a linha do **Diário de Minas** – nela tendo lugar o processo de modernização empreendido pelos jovens modernistas – expressou a contradição daquele momento histórico. O grupo assumiu este projeto de modernização das elites que se empenhavam, articuladamente, em garantir a “continuidade na mudança”. Foi o processo empreendido pelas elites na geração seus próprios intelectuais para se auto-legitimarem:

*Os intelectuais da rua da Bahia não eram basicamente, homens de letras perdidos na provinciana Belo Horizonte, mas uma geração bem nascida, bem educada, e reprimida em suas aspirações de influência e poder. Ela se constitui, assim, em ‘intelligentsia’ que olhava inevitavelmente com rancor e desesperança para as oportunidades que*

<sup>2</sup> Neste texto, dar-se-á destaque a algumas publicações de Carlos Drummond de Andrade, líder incontestado do grupo.

*os velhos oligarcas do Palácio da Liberdade lhes negavam. Abertas as comportas do sistema político, com a Revolução de 30, estes jovens, em sua maioria, lançaram-se à vida política, sem trair, mas na realidade cumprindo a sua vocação de intelectuais. Poucos, como os poetas Emílio Moura e Drummond, teriam o talento e as condições pessoais adequadas para fazerem da literatura não somente um estilo, um adorno ou um traço a mais de sua cultura, mas sua forma mais alta de realização pessoal. Para os demais, a política foi o caminho.* (Schwartzman, Bomeny & Costa, 1984, p. 28)

No entanto, por outro lado, a revelia ou não dos grupos no poder, respondendo a seu modo às condições modernizantes da cidade e às influências literárias modernistas, o grupo de Belo Horizonte teve presença renovadora: divulgou produções dos modernistas de outros Estados, auscultou o clima renovador que se vivenciava em outras capitais e a ele deu resposta própria e original. Cumpria, por assim dizer, papel de “atualizador” do meio ainda provinciano e acanhado em que vivia.

Em 1925, os modernistas de Belo Horizonte mostram-se ao mundo, de forma articulada, numa publicação que lhes levou a marca: **A Revista** (Cf. Cury, 1994). Publicação de apenas quatro números, de pouca duração como tantas outras do período, nem por isso foi menos importante como espaço que mostrou, para Minas e para o resto do país, que Belo Horizonte também tinha um grupo de *futuristas*, qualificativo que designava, nem sempre com conotação positiva, os modernistas brasileiros. Como tal foi saudada e recebeu a colaboração de outros intelectuais ligados à “renovação das letras”. Fundada por Carlos Drummond, Emílio Moura, Francisco Martins de Almeida e Gregoriano Canedo, pertence **A Revista** à série de publicações de cunho modernista que se registra nos anos vinte no Brasil.

É claro que o grupo modernista de Belo Horizonte – apesar de não ter sido mero caudatário – recebeu influências de outros grupos literários. Assim é que, em depoimentos de vários de seus participantes, há unanimidade em marcar a forte influência de Mário de Andrade no ideário modernista dos mineiros, sobretudo depois da vinda à Belo Horizonte da “caravana modernista paulista”. **A Revista** teria sido, do mesmo modo, uma conseqüência quase que direta do contato entre os dois grupos de renovadores. No entanto, as influências não se revelariam eficazes e criativas se os jovens intelectuais mineiros não tivessem condições próprias para acatar e desenvolver, singularmente, as idéias de renovação literária.

## A CIDADE MODERNA

Dentre muitos dos temas trabalhados pelos modernistas no **Diário de Minas**<sup>3</sup> e em **A Revista**, destaca-se o da cidade.

<sup>3</sup> Os modernistas mineiros publicavam no periódico, além de poemas e crônicas mais especificamente literárias, artigos sobre nacionalismo, política, resenha de livros, críticas literárias... Fermentavam o meio, divulgando as obras recém-publicadas.



A valorização do espaço urbano – traço inequívoco da modernidade – adquiriu especificidade mais contraditória no Brasil da época em fase inicial de industrialização, mas ainda definindo-se essencialmente como rural e, além disso, recebendo como país periférico a influência das vanguardas européias. O fascínio pela cidade foi característica marcante do Modernismo,<sup>4</sup> atração arraigada nas condições reais de desenvolvimento das cidades do Brasil da época e nos mais diversos “-ismos” das vanguardas européias.

Em muitos jornais da época, percebe-se uma visão contraditória da cidade. Se, de um lado, louva-se-lhe o desenvolvimento, de outro, deplora-se-lhe o atraso. Inúmeras vezes o crescimento da cidade é confrontado com seu pequeno desenvolvimento cultural. O noticiário do **Diário de Minas**, quase sempre dirigindo-se a alguma instância oficial, reitera o confronto:

*Não se compreende que uma capital como a nossa, com perto de 70.000 habitantes, ainda não tenha o seu teatro local, uma companhia permanente, não diremos uma grande companhia, mas um núcleo em condições de nos dar espetáculos ligeiros e artísticos. (Fly, Petit Theatre [sic] – 10/06/20)*

Em crônica que registra o desenvolvimento cultural da cidade, é demandada uma maior participação feminina nas atividades culturais:

*Belo Horizonte atravessa uma fase de entusiasmo literário. Surgem revistas, uma das quais essencialmente literária; aparecem panfletos e jornais; fundam-se grêmios, promovem-se comemorações a literatos mortos, e a própria Academia de Letras, até há pouco “numa atroz, apagada e vil tristeza” vai hora a hora se transformando em um órgão de eficiente atuação mental em nosso meio (...) Entretanto, (o que é curioso) o movimento literário está circunscrito ao elemento masculino. (X., Crônica Social-22/09/21)*

O cronista propõe a fundação de um grêmio literário na Escola Normal e critica o excessivo recato do público feminino mineiro já que às mulheres, na Belo Horizonte dos anos 20, não ficava bem aplaudirem ao final dos espetáculos. Drummond também se referiu ao fato:

*As mulheres não aplaudiam. Não era distinto. Era uma vida muito chata, sabe? Apesar disso, chego a sentir saudade. A gente tem saudade é do tempo passado, não é das coisas em si, mas do fato de ter sido jovem. A gente só verifica isso depois que passou, antes não se dá conta, não... (Andrade, 1985)*

<sup>4</sup> O tema da cidade ligado à modernidade encontra-se presente na obra dos modernistas de São Paulo, com maior ou menor frequência, com mais ou menos acuidade crítica. É a paulicéia arlequina, a descaracterizante “cidade macota do Igarapé Tietê”, de Mário de Andrade, dos textos de Oswald e Menotti, das visões de Alcântara Machado.

Os costumes também espelham o crescimento da cidade e a moda é parâmetro do moderno:

*Belo Horizonte progride? Dizem que sim. Eu chego a pensar que, realmente, a cidade tem apresentado alguns indícios seguros de progresso; parece mesmo que há um certo movimento denunciador de um mais requintado mundanismo, embora sem o talhe das costureiras francesas, e o cosmopolitismo dos grandes centros. (Fly, O Progresso da Cidade – 28/12/22)*

O jornal se refere à crescente influência da moda norte-americana no Brasil, muitas vezes com uma preocupação moralizante, a marcar que a cidade não se encontra preparada para receber grandes novidades nos trajes. Por exemplo, um cronista se escandaliza com a moda parisiense que, sob alegação de economia, suprimia mangas, ampliava decotes, substituía meias, sapatos e borzeguins por simples sandálias. Conclama os pais de família a não permitirem o seu uso: “Os modelos parisienses (...) vão ficar sem extração no mercado. Só os adotarão aquelas damas que tanto se lhes dá usá-los como usar a clássica folha de parra”. ( X., 10/01/20)

Posição diametralmente diferente assume artigo publicado no primeiro número de **A Revista**. Sintomaticamente o texto leva o nome de “Em defesa da moda”, delimitando, de início, uma tomada de posição e adensando a problemática, analisando-a sob o prisma da liberdade feminina. O moralismo estreito que comandava a vida social de Belo Horizonte, à época, serve de interlocutor ao artigo:

*Não se pode resumir a moral a uma quantidade maior ou menor de vestuário, assim como um pouco mais ou um pouco menos de cabelos na cabeça, não exprime decência ou indecência alguma. Ao contrário, a mulher de hoje, liberta dos espartilhos barbatânicos, das longas tranças desairosas das carpideiras, das desengonçadas [sic] saias de balão, livre assim das investidas que lhe oprimiam o corpo e da coação e do pavor paterno ou marital, é a pioneira de uma nova moral e combatente desassombrada pelo alevantamento do nível e decoro sociais femininos. (A Revista, 1925, p. 42)*

No contexto em que foi escrita a notícia, é corajosa a abordagem, assumindo-se o ponto de vista feminino. A opressão da moda, segundo o artigo, martiriza a mulher duplamente: no corpo e na moral. Ou antes: a opressão dos espartilhos acaba por inscrever-se no corpo feminino como metáfora da opressão social sobre sua condição de mulher. A aceitação da nova moda seria sinônimo da modernização de Minas Gerais: “As nossas esbeltas patricias, formosas dentre as que mais o forem no país e fora dele, atestaram dessarte a evidência do alto espírito civilizador de Minas”. (**A Revista**, 1925, p. 42)

A estreiteza e moralismo da sociedade de Belo Horizonte e a inacessibilidade da mulher vigiada foram por Drummond reafirmadas em entrevista:

*Nenhuma moça se aproximava de um rapaz sem conhecer plenamente, sem saber se ele era uma pessoa boa, correta, de bons costumes. A família velava, toda a família*



*velava. Principalmente os irmãos. A idéia que eu deles fazia sempre aparecia ligada a uma bengala. (...) Jamais um rapaz abordaria uma moça ou vice-versa. Hoje em dia tão normal a relação, ninguém liga para isso. Naquele tempo era tabu.* (Andrade, 1985)

Um assunto que mobiliza sobremaneira o noticiário do jornal, notadamente a parte reservada às sociais, é a atividade ligada ao Carnaval: transcrevem-se as letras de músicas, comenta-se a organização dos blocos. Mas, principalmente, compara-se o carnaval belo-horizontino ao carioca e incita-se a população a organizar festas semelhantes às do Rio nos salões da cidade. São registradas, com frequência, a falta de organização dos clubes de Belo Horizonte e a indiferença da cidade diante da aproximação do evento. O festejo é encarado como comemoração eminentemente popular, com uma idéia de catarsis coletiva, às vezes bem próxima de algumas análises atuais. O Rio já era, como hoje, o parâmetro: “Já se disse uma vez que o carioca suporta todos os dias do ano, todas as dificuldades da vida, com a esperança única do Carnaval, que é o seu sonho de alegria e de prazer”. (X., 13/02/20)

Ao lado do noticiário sobre a festa, inclusive demandando que a cidade apresente uma comemoração digna da capital do Estado, registram-se as tentativas da Liga pela Moralidade de censurar os festejos.

Outro alvo de atuação da censura é o cinema. Diariamente o jornal publica a classificação elaborada pela Associação, sem maiores comentários.

Como no resto do país, o noticiário comenta as mudanças de comportamento no espaço urbano pela influência do cinematógrafo, verdadeira sedução para o público do início do século: “É um fato incontestável que o cinematógrafo é hoje o divertimento precípuo, absorvente e irrealizável entre quantos outros se hajam inventado para entreter e distrair as multidões”. (*Diário de Minas*, 21/07/20)

Assim sendo, é natural que a inauguração de uma casa de cinema ganhe destaque no noticiário. Trata-se do Cinema Pathé, uma sala de projeção perfumada de acordo com o filme projetado:

*A inauguração de um centro de diversões é sempre um acontecimento social destacado, que as crônicas mundanas registram e que o público de ‘elite’ recebe com alvoroço. (...) o cinema é a coqueluche da gente chic da sociedade atual. Nos dias que passam, a vida elegante dos meios sociais de Belo Horizonte reúne-se nos cinemas, cujas salas são o cosmorama em que desfilam as figuras de distinção, os vultos mais representativos, bem como a pequena legião dos almofadinhas provincianos e o bando gárrulo das meninas melindrosas.* (*Diário de Minas*, X., 07/02/20)

Registre-se que até os espectadores “assuem”, por assim dizer, o espaço em movimento da própria tela. A influência do cinematógrafo na mudança dos hábitos é mais de uma vez assinalada pelo periódico, que diz que, sobretudo as mulheres, imitam tudo o que vêem na tela: “À noite não há mais reuniões familiares, os serões, as tertúlias de sabor meio romântico: à noite, o cinema”. (*Diário de Minas*, X., 07/02/20)

Deplora-se em uma crônica o desuso do culto a Santo Antônio. O culpado: o cinema:

*O que é certo, porém, é que Santo Antônio, o maior empreiteiro da colonização primitiva de nossa terra – quando a lua ainda não tinha sido escurraçada [sic] pela luz elétrica e os serões familiares não eram realizados no far-west, a tiros de garrucha e patas de cavalo – ficou fora de moda, na volta de fora... (Diário de Minas Y, 13/06/20)*

O cinema também tem, no entanto, quem o defenda no jornal contra, por exemplo, os que acreditam que os filmes acabariam por desvirtuar o teatro:

*Com o correr dos tempos, tudo se desfez. Nem o cinema aleijou a arte pervertendo o gosto do povo, nem o teatro desapareceu. Pelo contrário, o que se tem verificado é que o cinema vai contribuindo para o aperfeiçoamento da arte teatral, de modo inesperado. (Diário de Minas X., 16/07/20)*

Começam já a ser discutidas as dificuldades do cinema nacional e do cinema mineiro em particular. Em meados de 1923, o **Diário de Minas** registrou a iniciativa de Aníbal Matos de realização do primeiro filme dramático executado em Minas, trazendo para a tela a peça “Canção da Primavera”, do mesmo autor.

Fernando Correia Dias (Dias, 1971, p. 24) assinala que, desde sua fundação, já se observavam em Belo Horizonte manifestações literárias significativas, vindo a ser o público ouropretano leitor virtual dos intelectuais que vieram para a nova capital. A demanda pelo apoio oficial para iniciativas culturais – tão comum nos periódicos – pode indiciar um desejo de formalização e institucionalização das atividades artísticas, ainda que sempre com propostas elitistas, o que também não deixa de ser compatível com a postura ideológica já anteriormente assinalada. Já em artigo de 21/05/22, por exemplo, o periódico elogia a iniciativa individual de um intelectual, mas deplora a estreiteza do meio:

*O brilhante teatrólogo teve é verdade, a rara felicidade de encontrar no nosso meio, tão refratário a coisas nossas, algumas preciosas vocações para o palco que sua atividade assombrosa soube transformar logo num núcleo homogêneo de amadores a muitos dos quais não seria exagerado o título de artistas, como Odilardo Costa (...).<sup>5</sup> (Diário de Minas, 21/5/22)*

A visão oscilante a que já me referi, às vezes, se encontra no interior de um mesmo artigo:

*O nosso meio literário não é tão pobre como parece. Tem a capital do Estado homens de letras de real valor. Em todos os gêneros de cultura a nossa representação é superior. Visto de longe, entretanto, os que não nos conhecem, têm uma idéia falsa do desenvolvimento intelectual de Belo Horizonte. (Diário de Minas, José Preto, 28/01/21)*

---

<sup>5</sup> As citações de o **Diário de Minas** e de **A Revista** serão feitas no corpo do texto.



Levanta, então, uma das causas:

*Uma das razões segundo penso, é o desamor que temos pelas manifestações artísticas. Os livros que são aqui lançados ficam sem um estudo criterioso, limitando-se os jornais a meras notícias, acusando a recepção. É verdade que a modéstia dos nossos artistas chegam [sic] a ser irritante. (Diário de Minas, José Preto, 18/01/21)*

Essa faceta do caráter modesto do intelectual mineiro a que se refere José Preto é muito lembrada como causa do acanhamento intelectual de Minas e, particularmente, da capital: “O nosso meio literário é dos melhores do Brasil, embora não o pareça a quem de longe o observa e estuda. Há aqui uma não pequena plêiade de espíritos de eleição, capazes de produzir trabalhos de uma cintilação destacada”. (Diário de Minas, X, 17/8/21)

Dois fatores, segundo o autor, impedem a afirmação mais efetiva dos talentos: desunião e uma modéstia mal compreendida. Propõe uma saída pelo alto, ou seja, algo que envolva apenas a intelectualidade, sem uma abrangência cultural mais ampla.

Em edição especial sobre Minas para **O Jornal** (Rio de Janeiro), em 1929, Abgar Renault fala de um erro de análise da crítica literária que supõe o Modernismo mineiro um mimetismo do movimento paulista e explica:

*No que diz respeito a Minas Gerais, é natural que se suponha que as coisas se passaram realmente assim. Natural, mas não muito. Até certo ponto apenas. Explico-me. O pudor do mineiro, o seu ar desconfiado, o seu conservantismo cascudo, tão fácil de ser confundido com um misoneísmo inelutável – tudo isto era de molde a crer que em Minas dificilmente se ergueria, espontânea, autonomamente uma voz reacionária e – vou além – até que, se alguma ou algumas vozes de timbre novo aparecessem, só poderiam ser ecos mais ou menos macaqueados de sons nascidos nos grandes centros litorâneos. (Renault, 1929)*

Guilhermino César, em entrevista, também se referiu a essa modéstia do intelectual mineiro:

*Fora da política é assim mesmo o mineiro. Orgulho intelectual: na aparência flexível, mas não cede. Nava, por exemplo, guardou tudo para a velhice. Aquelas coisas surpreendentes e maravilhosas. Na formação do caráter de um povo atuam fatores muito diversos. Há em Minas o isolamento cultural da montanha. Um aprimoramento da consciência crítica onde não pode ocorrer uma circulação maior. (César, 1985)*

Já Drummond negou essa característica, pelo menos como justificativa para sua tardia estréia em livro (Andrade, 1985). Na mesma entrevista, Drummond acrescentou que a demora para a publicação se deveu à falta de dinheiro, referindo-se, igualmente, à difícil conquista do espaço da cidade:

*MZ: Em vários artigos do jornal, os modernistas (lembro-me de um artigo seu no qual você se queixa do provincianismo de Belo Horizonte) se referem ao marasmo de Belo Horizonte. Ao mesmo tempo, sente-se o desejo de se afirmar que a cidade progride. CDA: Nós éramos muito vítimas da organização social de Belo Horizonte, uma organização muito rígida, muito rigorosa. O próprio Cyro dos Anjos, nas suas memórias – **Meninos e sobrados** – dá a idéia perfeita disso. O estudante do interior, vindo para Belo Horizonte a fim de freqüentar um curso qualquer, sofria uma luta de prevenção enorme contra ele. (Andrade, 1985)*

No grupo modernista mineiro em formação, a cidade assumiu ressonância profunda:

*Belo Horizonte assume papel destacável na expressão do mineirismo dos modernistas. Aqui assimilavam o Modernismo: foi o cenário belorizontino que serviu de pano de fundo para as experiências deles. Foi aqui que aprenderam o “espírito moderno”, filtrado de forma inconfundível pelo arraigado mineirismo, de que eram portadores. (Dias, 1971, p. 1971)*

Algumas vezes a cidade se personifica, assumindo traços da propalada modestia dos mineiros:

*Agora aí está uma nova Belo Horizonte. Moveu-se ao ar livre, quis saber do movimento das coisas, interessou-se por tudo: vive! Um pouco discreta, é verdade; muito “mineira”, é verdade. Diante da nossa melancolia ainda se grava um provincianismo teimoso; mas é para se apagar, pouco depois, à ronda deliciosa de alguns aspectos consoladores da cidade que vai seguindo, numa agilidade bem viva. (“A Cidade Verde” – A Revista, n. 1, 1925, p. 40)*

A identificação cidade/eu poético acabou por tingir de “mineiridade” (“que sopra do vento vinha de Minas”) a inevitável atração pela cidade grande:

(...)  
*O mar batia em meu peito, já não batia no cais  
a rua acabou quede as árvores a cidade  
sou eu  
a cidade sou eu  
meu amor*  
(Carlos Drummond, A Revista, n. 2, 1925, p. 23)

De resto, essa identificação estreita com a cidade já aparecera no primeiro número de **A Revista**, no pequeno artigo “A Cidade Verde”. Ali – apesar da advertência inicial do autor de que Belo Horizonte não era como o “Rio, a cidade mulher” – foi como mulher que ela foi descrita. Há muito de sensualidade, de “estudada entrega” na visão que quis passar da capital mineira:

*Há muito desafio ao donjuanismo dos nossos sentidos nessas avenidas e ruas, no infinito das praças, onde o verde é uma idéia fixa divina da natureza. Cidade que não se*



*revela... Deixa-se ver, despreocupada; sorri com malícia ou melancolia. Mais nada! Os olhos que sonham com alguma coisa mais, além desse sorriso, é que têm de ir procurar a cidade verdadeira, a sua alma elegante e sonora. Terra discreta, de uma timidez preocupada, a cidade vive na sua melancolia de aristocrata ou na sua banalidade risonha.* (“A Cidade Verde” – Y. A Revista, 1925, n. 1, p. 40)

Registre-se a superposição da visão que se tinha da mulher mineira como discreta e tímida e da visão que se quis dar da cidade. A aproximação permitiria, talvez, também uma leitura da mulher mineira como sensualmente estudada.

A reiterada confissão da influência e da atração exercidas pela cidade grande, por São Paulo e Rio, não diluíram o sentimento de mineiridade marcante na obra posterior dos escritores de Belo Horizonte. No entanto, na ainda acanhada capital da década de vinte, os dois centros funcionavam como modelos.

Em 17/10/22, Wellington Brandão publicou artigo no Diário de Minas fazendo sugestões para o desenvolvimento de Belo Horizonte. Rio e São Paulo são os parâmetros almejados: “O Rio e, nestes últimos tempos, São Paulo, são os dois grandes focos de absorção, os estuários da nossa atividade mental e espiritual, e graças à fatalidade dessa vizinhança, vivemos, os de Minas, em aparente ataraxia”. (“Uma Atenas para Minas” – Wellington Brandão – **Diário de Minas**, 17/10/22)

A cidade almejada pelo articulista era a dos futuristas, a da indústria que se desgarrava do passado.

Faz-se presente esta idéia do espaço urbano modernizado em “A mulher do elevador”, poema em que Drummond já transmitia a idéia de opressão conferida ao eu poético, perdido no anonimato da metrópole:

*com um pouco de meu ser anônimo e  
vulgar a milhares de quilômetros, na  
grande cidade.*

(Carlos Drummond. “A mulher do elevador”.  
**Diário de Minas**, 10/07/24)

O espaço urbano sofrendo a intromissão de “ruídos” da modernidade que, ironicamente, quebram a atmosfera de lirismo romântico da cidade, foi o tema de outro poema de Drummond publicado em início de 1925:

*Cigarras noturnas, homens tristes...  
Uma janela aberta, um quadro amarelo  
na noite muito azul... Os violões  
românticos têm mais desejos e mais  
saudades e mais amor.*

*Um auto passa: Fon-fon! Fon-fon!  
E cada vez mais tristes, os violões...  
(Carlos Drummond. “Serenata”.  
**Diário de Minas**, 18/01/25)*

É sintomático que, no interior mesmo do poema, a contraposição entre as duas visões da cidade: a lírica – abrindo espaço para os violões, o desejo e a saudade – e a que lança, com ironia, um olhar para o espaço urbano já descaracterizado, de alguma forma desconstrói a primeira, introduzindo um dos símbolos máximos da modernidade: o automóvel.

Não foi, porém, somente a cidade futurista, movimentada e barulhenta que perdurou na obra do grupo mineiro. Nela, bem marcantemente, aparecem a tradição – não raro tomada como peso –, as montanhas, a natureza a dar um toque específico através de uma temática ligada às raízes culturais mineiras. Isso, desde o início, na poesia de Drummond, na ficção de João Alphonsus. Tal especificidade perdura na produção tardia de Pedro Nava.

É interessante observar, no interior dos artigos e crônicas desses jovens, a oscilação entre uma visão da cidade como metrópole e como fechada e provinciana. Também aqui, a despeito de terem participado ativamente do processo de modernização cultural da capital mineira, aparece o par natureza pródiga/cidade monótona a marcar um desejo de abertura maior de horizontes: “De sorte que somos os urbanos do enfado. E esta é a Cidade do Tédio. Chamaram-na Belo Horizonte, devido a uns poentes que incendeiam o nosso céu, mas qual! não pegou. Nem podia pegar. Que quer dizer Belo Horizonte? Nada.” (Carlos Drummond. “A cidade do Tédio”. *Diário de Minas*. 27/05/21)

No poema publicado em **A Revista** – Coração numeroso – já referido acima, Drummond confirma a atração pela capital da República, agora já elaborando melhor a crítica à desarticulação do espaço da cidade grande, que enche de espanto o poeta mineiro:

*Foi no Rio.  
Eu passeava na Avenida quase meia noite  
bicos de seio batiam nos bicos de luz  
estrelas inumeráveis  
(...)  
Mas tremia na cidade uma fascinação  
casas compridas  
autos abertos correndo caminho do mar  
voluptuosidade errante do calor  
mil presentes da vida aos homens  
indiferentes  
que meu coração bateu forte meus olhos  
choraram. (A Revista, n. 1)*

Fernando Correia Dias refere-se a este poema reiterando nele a atração aqui levantada:

*Este é um poema de perplexidade, de angústia, de desalento. Subjacente a tudo, o fascínio do Rio. Há uma barreira entre o poeta e os homens e as mulheres. É o mar e é o*



*vento de Minas que atenuam a sensação de quase desespero. O mar introjetado: no peito e no espírito. Eis um símbolo da atração litorânea sobre os mineiros.* (Dias, 1971, p. 136)

Assinala o crítico que essa fascinação exercida pelo Rio para lá atraiu boa parte dos modernistas mineiros: Pedro Nava, Aníbal Machado, Martins de Almeida, Drummond e outros. O fato reafirma o magnetismo compreensível exercido pela capital e, simultaneamente, o provincianismo de Belo Horizonte, à época, que impedia, talvez, o florescimento mais maduro de intelectualidade coesa e articulada.

*Belo Horizonte cresceu na sombra do Rio de Janeiro, fomentando uma insegurança provinciana nos belo-horizontinos, que consideravam a sua uma cidade do interior ampliada. De fato, quase todos vieram de cidades pequenas. O Rio cosmopolita oferecia pistolões e status que o centro provinciano não podia ofertar. E embora Belo Horizonte pouco a pouco se tornasse um centro cultural, os mineiros ainda valorizavam o Rio. Para os que permaneceram em Minas, o senso de inferioridade em relação à capital do país era uma influência sutil, penetrante e que talvez corroesse a cultura regional.* (Wirth, 1982, p. 99)

Contudo, o poema de Drummond atrás referido é um belo exemplo de que esses intelectuais “imigrados” conservavam sua mineiridade: “Longe de dominá-los, a capital era um lugar de encontros, ou ponto de convergência, onde os escritores escreviam sobre suas sub-regiões, partilhando ao mesmo tempo de um senso comum de mineirismo”. (Wirth, 1982, p. 137)

E por isso a atmosfera de Belo Horizonte das primeiras décadas do século marcou os poemas de Drummond, os romances de João Alphonsus e Ciro dos Anjos. Esta atmosfera os acompanhou mesmo fora de Minas, ou melhor, talvez, porque fora de Minas:

*Mesmo voltando, mesmo palmilhando os lugares essenciais de nossa mocidade é impossível captar as velhas ruas como elas eram a não ser refazendo-as imaginariamente ou agarrando fragmentos fornecidos pelo sonho. E para isso não se precisa nem voltar a Belo Horizonte. Um exemplo de retomada imaginária tive certa manhã toda dourada, passando na esquina da rua dos Araújo e Conde Bonfim. Não sei o que havia de especial pureza no ar ou de claridade no ar que de respirá-lo, tão doce e tênue, de vê-lo na sua claridade imarcescível, recuperei, subitamente, a esquina de Maranhão e Ceará, quando ali passava indo para a Faculdade, com meus dezoito anos. O que teria sido? A fresca manhã? sol rompendo as névoas. Certa iridência da luz? tremendo entre folhas. Um pouco de falta de ar do andar depressa? Ou o verde? de uma esquina carioca lembrando os azulejos verdes de uma esquina de Minas. O fato, que reconquistei Belo Horizonte e a mim – focando-me – naquele ponto do tempo e do espaço, tendo tudo nítido como slide posto na distância exata em que as lentes fazem projeção perfeita.* (Nava, 1987, p. 255-256)

E Drummond, em dois poemas de seu primeiro livro provavelmente escritos na década de vinte, trabalhou essa contradição. Se no denominado “Belo Hori-

zonte”, a cidade é velha e as árvores tão repetidas, em “A Rua Diferente” o espaço mais caracteristicamente urbano invade – com violência – o espaço natural:

*Na minha rua estão cortando árvores  
botando trilhos  
construindo casas.*

*Minha rua acordou mudada  
Os vizinhos não se conformam  
Eles não sabem que a vida  
tem dessas exigências brutas.  
(Andrade, 1979, p. 78)*

Assim, não foi somente a cidade futurista, movimentada e barulhenta que perdurou na obra do grupo mineiro. Nela, bem marcantemente, aparecem a tradição – não raro tomada como peso –, as montanhas, a natureza, enfim: na poesia de Drummond, na ficção de João Alphonsus, nas reminiscências da maturidade de Nava:

*Os que estão vivos guardaram para sempre a imagem dessa cidade tão bem configurada nas reminiscências que escrevem, e que parecem inesgotáveis. Cidade geométrica, impregnada de magnólias e jasmims, profusamente arborizada, de casas uniformes, de crepúsculos fulgurantes, tangida por um vento constante, mas de sopro volúvel: esta é a Belo Horizonte que eles exprimiram, e de que se recordam com nostalgia. (Dias, 1971, p. 85)*

E é interessante observar como no interior dos artigos dos modernistas percebe-se a já tão referida oscilação entre uma visão da cidade como metrópole em desenvolvimento e, ao contrário, da cidade como fechada e provinciana. Também aqui – a despeito de terem participado os jovens escritores do processo de modernização cultural de Belo Horizonte – aparece o par natureza pródiga/cidade monótona.

Enfim, a temática da cidade permeou a produção dos jovens escritores e ela permanece como pano de fundo na sua obra futura. A cidade é, para eles, sempre “a place to be from” (Cf. Wirth, 1982) uma vez que a levavam consigo. A atmosfera da Belo Horizonte das primeiras décadas do século os acompanhou mesmo fora de Minas, ou melhor, talvez, porque fora de Minas. Mesmo transformada – a agora Triste Horizonte, destroçado amor – a cidade permanece.

Vinte anos nos anos vinte. Belo Horizonte aos vinte anos:

*Ali (em Belo Horizonte) vivi de meus dezessete aos meus vinte e quatro anos. Vinte anos nos anos Vinte. Sete anos que valeram pelos anos que tinha vivido antes e que viveria depois. Hoje, aqueles sete anos, eles só existem na minha lembrança. Mas existem como sete ferretes e doendo sete vezes sete quarenta e nove vezes sete trezentos e quarenta e três ferros punhando em brasa. (Nava, 1979, p. 12-13)*



Tomando posse, a seu modo, dos espaços de Belo Horizonte, seduzidos pela suas promessas de modernidade e de possibilidade de participação intelectual e política, a alegre rapaziada modernista reivindicou seu direito à cidade. Inscreveram-se, com sua produção, no processo de vanguarda que atingia outros grupos literários com a marca de seu tempo e com a especificidade do espaço em que atuavam.

Belo Horizonte permanece, contudo, desdobrando-se por muitas páginas, abarcando muitos horizontes: a mesma e sempre outra cidade.

### ABSTRACT

This essay aims to comprehend some of the writings about Belo Horizonte made by the foremost modernists in newspaper and cultural magazines. Through their cultural production, these young writers of the twenties had taken their places as intellectuals.

### Referências bibliográficas

- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. Entrevista concedida a Maria Zilda Ferreira Cury. In: CURY, Maria Zilda Ferreira. **Diário de Minas (1920-1925)**; um caminho do modernismo em Belo Horizonte. São Paulo: USP, 1987. (Tese, Doutorado em Literatura Brasileira)
- ANDRADE, Carlos Drummond de. Entrevista concedida a Rita de Cássia Barbosa. In: BARBOSA, Rita de Cássia. **O cotidiano e as máscaras**; a crônica de Carlos Drummond de Andrade – 1930-1934. São Paulo: USP.
- BÍBLIA SAGRADA. Traduzida da vulgata e anotada pelo Pe. Matos Soares. 9. ed. São Paulo: Paulinas, 1957.
- CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- CÉSAR, Guilhermino. Entrevista concedida a Maria Zilda Ferreira Cury. In: CURY, Maria Zilda Ferreira. **Diário de Minas (1920-1925)**; um caminho do modernismo em Belo Horizonte. São Paulo: USP, 1987 (Tese, Doutorado em Literatura Brasileira)
- CHEVALIER Jean, GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**; mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.
- CICERO, Antonio. **Guardar**; poemas escolhidos. Rio de Janeiro: Record, 1996.

- CURY, Maria Zilda Ferreira. **Diário de Minas (1920-1925)**; um caminho do modernismo em Belo Horizonte. São Paulo: USP, 1987. (Tese, Doutorado em Literatura Brasileira)
- CURY, Maria Zilda Ferreira. Manifestos mineiros; a revista em revista. **Vertentes**, São João del-Rei, n. 3, 1994.
- DIAS, Fernando Correia. **O movimento modernista em Minas**; uma interpretação sociológica. Brasília: UNB, 1971.
- NAVA, Pedro. **Beira-mar**; memórias. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.
- RENAULT, Abgar. Notícia sobre a atual geração literária de Minas Gerais. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 15 maio 1929. (Edição especial de Minas Gerais)
- SCHWARTZMAN, Simon, BOMENY, Helena Maria Bousquet, COSTA, Wanda Maria Ribeiro. **Tempos de Capanema**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- WIRTH, John. **O fiel da balança**; Minas Gerais na federação brasileira 1889-1937. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.